

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. *Não-Lugares*. São Paulo, Papirus, 1994.
- DUARTE, Luiz Fernando. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. R.J. Zahar, 1986.
- DUMONT, Louis. *Homo hierarquicus*. Paris: Gallimard, 1966.
- DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- MACEDO, Carmen C. *A Reprodução da Desigualdade*. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- OLIVEN, Ruben. *A Parte e o Todo*. Petrópolis, Vozes, 1992.

A COMPETITIVIDADE E A QUESTÃO RURAL

*Erica Karnopp **

A reflexão que se faz necessária frente aos indicadores econômicos e sociais - que indicam um agravamento nos últimos anos da crise econômica instaurada no País desde os anos 70 - deve incorporar tanto uma interpretação do processo interno quanto uma avaliação do padrão de inserção do país no estágio atual da globalização da economia.

Quanto à estrutura do setor agropecuário, a partir das décadas de 60 e 70, modificou-se rapidamente, determinando características marcantes nas formas de organização da produção. O setor transitou do predomínio do modo tradicional de produzir para o moderno, que combina capital e insumos industriais com terra e trabalho. A transição de um modo para outro está correlacionada à constituição do complexo agroindustrial, inserida no processo de desenvolvimento econômico do País.

No Brasil, não ocorreu um processo homogêneo de modernização. Os que puderam se incorporar ao processo de modernização foram os que tiveram recursos e discernimento para se enquadrar nos seguintes padrões:

- Incorporação das atividades aos mercados fortemente concentrados e administrados, representados pelas indústrias fornecedoras e pelas compradoras de matérias-primas;
- Capacidade de adaptação ao padrão geral de produção;
- Capacidade de aproveitamento das políticas governamentais voltadas para o setor;

A passagem do modo tradicional de produzir para o moderno não ocorreu a partir de características endógenas do setor agropecuário. Isso se deu

* Professora do Departamento de História e Geografia - UNISC
Mestre em Extensão Rural - UPISM

em função da aliança de interesses entre as forças agrárias dominantes e as capitais industriais nacionais e internacionais, que influenciaram as políticas governamentais no sentido da garantia de comercialização e de fornecimento de crédito para a utilização dos insumos e equipamentos modernos.

A reestruturação da organização rural brasileira ocorreu, em um primeiro momento, porque as indústrias fornecedoras, visando expandir seu mercado, estabeleceram um padrão tecnológico em que colocaram à disposição das atividades agrárias insumos e equipamentos gerados por sua tecnologia e forneceram assistência para sua utilização.

Em um segundo momento, houve interesse das empresas compradoras das matérias-primas agropecuárias, que pressionaram os produtores para a adoção das técnicas modernas, pois isso lhes garantia quantidade, qualidade e custos compatíveis. Assim, a produção agrária organizou-se com um padrão tecnológico capaz de garantir o atendimento dessas condições. Foram, portanto, os objetivos das organizações industriais e comerciais do complexo agroindustrial que detonaram o processo de transformação da estrutura produtiva rural, inviabilizando toda e qualquer produção que não se enquadrasse no padrão moderno instalado.

A transformação ocorrida demonstra que a oferta agropecuária está estreitamente relacionada com os vínculos técnico-financeiros que o setor agrário estabelece com a esfera industrial e de distribuição de seus produtos, e não mais com fatos restritos à organização rural isoladamente.

Quanto à inserção do país no estágio atual, os países de industrialização recente vêem-se diante de riscos e oportunidades de inserção em economia mundial cada vez mais globalizada e interdependente.

Globalismo e Regionalismo são dois fenômenos centrais da economia contemporânea. O próprio significado desses dois "ismos" denota oposição ou confronto: por um lado, um impulso transnacional; por outro, um impulso mais seletivo e local, privilegiando afinidades históricas, geográficas, econômicas e culturais. Contudo, essa aparente oposição de significado irreconciliável, globalismo e regionalismo são fenômenos economicamente complementares, com os quais todas as nações terão de conviver nas próximas décadas.

A ordem econômica internacional em construção caracteriza-se, hoje, pela globalização dos circuitos produtivos, dos fluxos de comércio e investimentos, gerando simultaneamente uma enorme rede de interesses interdependentes e espaços econômicos exclusivos.

O Brasil, necessita agir nessa conjuntura com grande realismo e objetividade, a fim de desenvolver uma visão de inserção global, que nos permita tirar o máximo proveito tanto dos impulsos de globalização como dos de regionalização.

Hoje, o acesso da indústria nacional a insumos de alta qualidade, o acesso à tecnologia de ponta, sem impedimento das reservas de mercado determinarão o grau de nossa competitividade.

Vivemos, pois, neste contexto. Assim, neste final de milênio, ou o País fortalece a produção, incorporando-a nas políticas de modernização e desenvolvimento regional sustentável, ou o país estará condenado a permanecer como mero coadjuvante na economia global.